



Assinaturas--Barcellos 2 mezes 200 rs.--Fôra de Barcellos 6 mezes 700 rs.--Composto e impresso--Typ. "Centro de Novidades,"--Barcellos

## O pauperismo

**T**ODO o barcellense se pode ufanar, por contar no numero dos seus patricios, homens que pelo seu grande espirito altruista, muito tem contribuido para debelar entre nós este grande mal social, que parece invadir toda a Europa.

Ao coração bondoso de seus filhos, Barcellos deve a criação de cinco asylos; quatro dos quaes foram tirar á miséria e a corrupção creanças de ambos os sexos, habituando-os ao trabalho, ensinando-os a ganhar honradamente a vida; um outro foi destinado ao sustento e amparo da velhice.

O pauperismo augmenta de dia para dia, e toma um caracter cada vèz mais assustador, para o equilibrio e ordem social.

Em nenhuma outra epocha, tem a sorte dos pobres, merecido mais attentões; e apesar d'isso a chaga vae lavrando com terrivel rapidez.

A caridade mal comprehendida, longe de diminuir o numero d'elles, o vae engrossando para todos os preguiçosos, vagabundos e mendigos de profissão, que descansados sobre os cuidados da beneficencia social, se entregam á dissolução dos costumes e a toda a especie de vícios, sem cuidado algum do futuro; confiados que os soccorros lhe não faltarão nunca.

Estes motivos deviam nos fazer mais circumspectos, na distribuição das esmolas.

E' preciso combater radicalmente a mendicidade hereditaria; pois é espantoso o augmento de pobres que passam de geração em geração, e deixam que os filhos dos pobres, dos mendigos; venham a sêr mendigos.

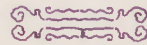
Para diminuir o numero de pobres, é necessa-

rio arrancar, em quanto é tempo, seus filhos áquelle estado de degradação moral, tornal-os trabalhadores honrados, dando-lhes uma educação pratica, em asylos destinados para esse fim.

Na Inglaterra o contraste entre o excesso de riqueza e a pobreza, entre o luxo do proprietario e a miséria do proletario; é como em parte alguma do globo. Segundo uma estatistica recente, 40% da população, não ganham o bastante para fazer face ás despezas.

Na Suecia onde a população é pequena, mas onde domina o trabalho agricola e a simplicidade de costumes, não existem mais de tres mendigos, por cada quatrocentos habitantes.

L. M.



## CARTAS Á MINHA VIZINHA

### IV

*Carta em forma de mayonnaise. — Um dia chuvoso. — Os jornaes. — O barro da alma humana — Os Principios e os sentimentos — Pensar e proceder. — Uma praga: as criticas pessimistas — A decadencia da nossa terra será fatal? — Uma affirmação absurda para encobrir uma fraqueza clara. — Os soldados de Kellermann, na batalha de Valmy.*

E' esta já a quarta ou quinta vez que pego na penna, para lhe escrever e não me resolvo.

Mas que quer? está um dia chuvoso e triste; do ceu vem uma luz cinzenta e frouxa, que nos faz entrar na alma, uma insidiosa melancholia.

Abrem-se os jornaes e é um largo sudario de crimes que emolduram de um rubro sinistro de sangue, a monotonia pacata da nossa vida.

C.M.B.  
Biblioteca

O caso de madame Steinheil, os incendiarios da rua da Magdalena, crimes de amor, enfim todo esse lôdo amargo e grosseiro que a alma imperfeita da humanidade, ainda deixa vêr, por entre as fendas do verniz brilhante do progresso!

Oh o barro da alma humana! como elle é quebradiço e impuro, querida vizinha!

O crime a inveja, o ciúme, o odio, a calúnia e a mentira, a ambição e a vaidade; misturaram-se nella com: a bondade e o heroismo, com a delicadeza e a ingenuidade, com a modestia e o desinteresse. Foi d'esta liga imperfeita que se fez o espirito dos homens e na distribuição do que tocou a cada um, lá foi sempre uma parte de bons e de maus sentimentos: porque nunca o melhor barro deixou de ter á mistura grosseiras impurezas.

O homem mais justo e mais sancto, tem sempre escondido, no coração, um fermento de maldade: é justo e é bom, acima de tudo, porque sabe dominar-se. De modo que a educação moral exige, antes de mais nada, a educação da vontade.

O mais difficil não é adquirir bons principios: é obrigar os nossos sentimentos a obedecer-lhes.

Quantas pessoas conhece a vizinha que procedam de uma maneira uniformemente concordante com o que pensam?

Poucas, raras, muito raras mesmo!

Um exemplo vizinha: a quantos e quantos criticos, que neste paiz ha-os como tortulhos, não tem ouvido apontar os males da nossa patria?

A quantos não tem ouvido censurar: a baixa politicagem, o favoritismo, a falta de cultura do nosso povo, a falta de orientação da nossa classe media?

E agora diga-me, a quantos tem visto empregar um esforço serio, uma acção energica e proficua que seja alguma coisa mais, do que uma declamação esteril e balofa, para remediar essas nossas dolorosas chagas?

A poucos, a bem poucos.

A grande massa é indifferente e accomoda-se até, numa degradante cumplicidade, áquillo que censura.

E então todos têm uma desculpa commoda, e facil: «isto não tem remedio; para que um esforço? isto não muda, não pode mudar»!

Como se a vida não fosse uma perpetua mudança!

Como se a nação não fosse uma somma de individuos e o caracter individual se não possa modificar, gradual mas profundamente!

Que é educar senão modificar? Negar a mutabilidade do caracter é negar todo o valor, toda a efficacia da educação. E quem sustentará esse absurdo? Quem poderá negar que a creança é essencialmente malleavel e adaptavel?

Se até os animaes ferozes, se transformam, educando-os!

Como podemos então dizer que, actuando sobre a creança portugueza, adaptando-a á vida moderna, dando-lhe força e resistencia aos musculos e energia e vontade ao caracter, nós não poderemos modificar, melhorar, salvar a nossa patria?

O que quer dizer nesse caso, a afirmação pedantesca de que não podemos mudar?

Quer dizer vizinha que, em regra, ha uma grande cobardia moral, nos que a fazem — que elles não têm a força de pôr a sua vontade ao serviço dos seus principios e que se deixam ir arrastados, na vida: pelo egoismo, pela vaidade, pela ambição, pela preguiça, como folhas sacudidas das arvores que uma corrente leva cegamente.

Confessam-se antecipadamente vencidos, porque não *querem* tentar a batalha. Porque não querem sacrificar numa lucta: obscura, aspera e lenta, como é a educação de um povo: a sua vaidade de brilhar, de ter honras, a sua ambição do mando ou o egoismo estreito do seu repouso, do seu bem estar.

Na batalha de Valmy os soldados de Kellermann rotos, inexperientes, mal equipados, pequenos ante o inimigo: brilhante, numeroso, dextro na guerra: gritavam a combater: *Viva a Nação!*

E o seu amor da patria: que esse brado de trinta mil boccas traduziu fervoroso e augusto, incomprehensivel para os inimigos que defendiam preconceitos, enquanto os francezes defendiam a nação: fel-os vencer.

Que a mãe portugueza ensine os filhos a bem amar a nossa terra e como os soldados de Kellermann havemos de vencer, com a força do nosso amor por ella.

Do seu vizinho

Importuno.

Barcellos-novembro-1909.



Ainda compramos os u.<sup>os</sup> 1, 2, 3, 4 e 7 do *Barcellos-Revista*.

A quem não faça collecção, pedimos o favor de nol-os vender.

## Interesses locais

### Luz e tracção electrica

Sabem os nossos leitores que nós não temos descurado, nunca, os interesses locais; e que sempre que em favor d'essa causa nós possamos prestar apoio, esse cumprimento do nosso dever não regateamos, nem nos furta-mos a trabalhar, dedicadamente, para os progressos d'esta boa terra.

Assim, e sempre guiados pelo rirão: « *agua molle em pedra dura tanto dá até que fura* », nós aproveitamos todos os ensejos, todos os momentos propícios, para continuar, persistindo sempre, a propaganda e defeza dos interesses de Barcellos.

Agora, e cremos que em primeira mão, vamos dar aos nossos leitores uma boa noticia:

Fallamos, em devido tempo e com persistencia, no projecto, exposto pela imprensa da Povoá, de Villa do Conde e Espozende, do assentamento de uma via ferrea que ligasse Barcellos a Espozende, a Fão, á Apulia, á Povoá e a Famalicão, sendo esta villa o ponto *terminus* de tal via de communição.

As vantagens d'essa linha foram já bem demonstradas, pelo que escusamos de as repetir agora.

Os nossos collegas locais, muito de fugida, abordaram o assumpto, e tudo ficou aqui.

Em favor da causa, as influencias particulares calaram-se! Estava, pois, n'este pé, tão importante assumpto.

O *Barcellos-Revista* cumpriu o seu dever; tem aproveitado todos os momentos proprios para fallar de Barcellos e dos seus interesses. Até

uma conversa amena, n'um jantar familiar, serviu para que um nosso collega da redacção expozesse a um seu amigo, que ao lado lhe ficava, o programma do *Barcellos-Revista* e o empenho que nos todos temos de ver Barcellos progredir.

Essa pessoa, que conversava com o nosso collega da redacção, é um acreditado negociante e importante proprietario, d'esta villa, que, fallando-se do projectado caminho de ferro, disse saber que se trata da organisação de uma grande companhia, constituida, na sua maior parte, por banqueiros nacionaes e estrangeiros, para a exploração, com aproveitamento do nosso rio, da illuminação electrica em Barcellos e tracção electrica de Barcellos a Braga e Guimarães e de Barcellos a Espozende.

E, como o nosso collega ficasse surprehendido com esta informação, custando-lhe a acreditar-a por

ver que isto é um grande melhoramento para esta terra, já por que d'essa empreza nunca ouviu fallar, o citado cavalheiro auctorizou-o a que dessemos esta informação aos nossos leitores pois que, embora por agora nada mais lhe fosse permitido dizer, podia garantir que da informação da tal

\* \* \* \* \*

## SORRISOS

Disse-me algum certo dia:

— Um só sorriso dos seus,  
Possue a doce magia  
E a graça que se irradia  
E vem dos labios de Deus!

Vae rogar-lhe o seu sorriso  
E, quando o labio entreabrir,  
Olha e verá o que eu diviso:  
— De lyrios um paraíso  
Em sua bocca a florir.

Fui, e 'inda agora penso  
Nos seus labios, a sorrir;  
Pois senti-me preso immenso  
Áquelle coral, suspenso  
N'alvas perolas d'Ophir.

Desde então, minh'alma clara  
Lançou-se, perdida e louca,  
Na affeição mais santa e cara . . .  
Fez-se egoista e avara  
Por essa divina bocca.

Alvaro Pinheiro.

\* \* \* \* \*



empresa se trata e que julga vel-a constituída dentro de pouco tempo.

O nosso collega, no desejo de saber tudo, perguntou :

—Então o sr. tambem faz parte da empresa ? !

—Não, respondeu ; simplesmente sou o seu representante aqui.

—E nada mais póde dizer ?

—Por agora, não. Mas d'aqui por algum tempo, talvez lhe possa dizer as bases de tal empresa.

E com isto nos ficamos, e d'isto gostosamente damos conhecimento aos nossos leitores, prometendo, em occasião opportuna, dar as mais informações que colhermos.



## Vida colonial

Os leitores da *Barcellos-Revista* desculpar-me-hão a falta sensível da grammatiza e a falta de competencia no assumpto.

O simples artigo que hoje escrevo no nosso magazine, representa apenas as impressões que colhi das nossas colonias na minha missão de soldado. São excellentes as impressões que todos os portuguezes colhem ao verem de visú a herança dos nossos antepassados á custa de tantos sacrificios, pois que apesar das expoliações da epocha Filippina, e da incuria dos nossos governantes, Portugal ainda figura como potencia colonial de 3.<sup>a</sup> ordem.

Esse vasto imperio africano deixou ha muito de ser «a Africa dos degradados», nome tão supersticioso, que nos atterorisava. Alli, a civilisação e o trabalho agricola vae prosperando, embora lentamente. Poderíamos organizar colonias agricolas n'essas férteis regiões e assim completar a obra em que tantos coloniaes tem empenho — que é acabar com a importação de muitos generos do estrangeiro.

Aquillo que se tem feito não é tudo.

E' preciso fazer muito mais, e se governantes e governados encararem as coisas com olhos de vêr, teremos a nossa situação financeira equilibrada com a riqueza das nossas colonias. Se bem que o prazer actualmente disfructado nos tenha custado uma enorme somma de sacrificios, — quer em rios de dinheiro quer em vidas. —E ainda na ultima assignatura régia foi assignado um decreto concedendo a medalha de oiro por serviços distinctos e relevantes prestados no ultramar, a um

benemerito da Patria que muitas vezes sacrificou a vida por ella.

Cabe ao nosso concelho a honra de possuir no seu seio esse nome. E' o venerando Bispo do Porto, D. Antonio Barroso.

Elle foi um luctador pela vida das colonias, nas dioceses das plagas africanas de que elle foi Bispo, onde não foi a espada mas foi o ministro da Egreja com a cruz e as palavras de conforto acarinhando os povos do sertão á obediencia e soberania pela bandeira das quinias, que sempre gloriosa tem triumphado na lucta.

Nas dioceses de Moçambique, Angola e India, o seu nome é pronunçado com immensa saudade.

Já agora cabe aqui registrar as amaveis referencias do insuspeito jornal as *Novidades*, no dia da ultima assignatura de El-Rei D. Manoel, antes da sua partida para o estrangeiro :

«Até que enfim o governo reparou uma flagrante injustiça :

Trata-se de galardoar os serviços distinctissimos prestados nas colonias por quem reúne em si as mais altas qualidades—nobreza de sentimentos, bondade infunda e patriotismo—realçadas pela mais delicada simplicidade.»

Ao nosso conterraneo e amigo, o venerando prelado, enviamos os mais sinceros parabens.

A elle que é um santo e um espirito liberal, devemos, todos os portuguezes, o nosso preito de gratidão.

No exercito, essa pleiade de servidores da Patria —ha muitos nomes illustres, de trabalhadores pelas prosperidades das colonias. Se os meus afazeres o permittirem, em breve voltarei ao assumpto com mais alguns dados de experiencia alcançados e de informações que colhi d'alguns dos meus chefes.

Lisboa, 12 de Novembro de 1909.

D. MARTINS DE LIMA.



## CORTO SIMPLES

(IDYLIO TRISTE)

A' ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Carlota d'Azavedo

Eurico teria 18 annos quando lhe morreu a mãe.

Viu-se só no mundo. Não tinha parentes, não tinha amigos.

Com os poucos recursos de que dispunha alu-

## BARCELLOS — Vista parcial de Barcellinhos e ponte sobre o Cavado



Cliché de Cunha Ferrelra

Simili-gravura de Marques Abreu

gou n'uma modesta casa um pequeno aposento, que era o seu quarto.

Este aposento tinha duas janellas, uma das quaes dava para o jardim de um lindo *chalet* visinho — a «Villa Hantize» — onde havia uma linda floração de rosas que mostravam ser desveladamente cuidadas.

—Eurico, era um rapaz sympathico, de grandes olhos azues, de um azul quasi negro, forte, distincto e muito intelligente.

Vivia triste desde a morte de sua mãe a quem tinha dedicado uma profunda affeição e amor, amor de filho que n'ella via o seu unico amparo e que os annos não conseguiram extinguir.

Dedicava-se Eurico aos seus estudos, e nas horas de descanso, á contemplação das flores do jardim visinho, passando assim uma vida simples e tranquilla.

Uma tarde, tarde calmosa de estio, sahio do seu quarto e veio para a rua com um grande mal-estar que quiz desvanecer com um passeio pelas avenidas, onde áquella hora costumava passeiar a aristocracia da terra e onde se fazia o *rendez-vous* aos rostos gentis e graciosos do feminismo elegante.

Passeiava Eurico despreoccupado quando um grupo de tres bellezas encantadoras, rindo e fal-

lando com as suas vozes timbradas e frescas, de uma suave harmonia, o veio despertar.

Uma d'essas mulheres, talvez a mais bella, a que mais o fitava, lançou no coração de Eurico a semente de um amor puro, do primeiro amor cheio de romantismo e de illusões.

Os seus olhos amortecidos tomaram vida e a sua cabeça pendida ergueu-se.

Assim esteve, assim andou por muito tempo, até que já noite, á luz dos arcos voltaicos, viu-a despedir-se das amigas, e seguir apressada na companhia dos paes ao longo da avenida.

Seguiu-a, mas qual o seu espanto ao vel-a entrar na «Villa Hantize»!

Durante a noite e dia seguinte não pensou n'outra cousa.

Dias depois, á tarde foi para a janella a contemplar as *rosas* do jardim. E lá ao fundo, n'um canto, entre delgadas hastes de roseiras, divisou essa mulher, que elle já amava, entregue á leitura de um papel.

—Escrevera-lhe pedindo uma entrevista.

Desceu, aproximou-se da grade do jardim, e tremulo, fitando-a intensamente, diz-lhe :

«Perdão . . . serei atrevido . . . mas V. Ex.<sup>a</sup> é a luz da minha alma . . . é o meu encanto . . .

Não o deixou concluir. Levantou-se e mos-

trando uma linda fila de dentes brancos, soltou uma gargalhada, e sempre rindo, fugiu correndo e fechou a porta de vidros do terraço.

Eurico ficou estatico, livido, parecendo-lhe tudo aquillo um sonho !

Algun tempo depois, com a mão sobre o coração, n'uma dôr cruciante, entrou como um doído no seu quarto.

Chorava !

N'um impulso de desespero exclamou :

Meu Deus como é triste, como é cruel o amor !

Tudo brilha ! Só o meu coração se apaga e murcha com saudades.

Setembro, 5.

JOM-JOM.



## PERFIS MASCULINOS

### XVI

De calcanhar's bem unidos,  
Encarando-o bem de frente,  
Vamos pedir resolvidos :  
Dá licença meu *tinene* ?

Desculpe se na *carreira*  
O vimos encommodar ;  
Toca-lhe a vez na fileira  
E tem que se *perflar* !

Como tiro, bem direito,  
N'uma *much* *constellada*,  
A nossa pena o seu peito,  
Vae ferir bem apontada.

Sob essa *capa alvadia*,  
Tão vistosa e tão bonita,  
P'ra que expõe Voss'inhoria  
Tantas amostras de fita ?

E quando mostra aos papalvos,  
Pendurados cada um  
Uns *vintens*, par'cendo os *alvos*  
Dos tiros do pim, pam, pum ?

Desculpe se na *carreira*  
O vimos encommodar  
Tocou-lhe a vez na fileira  
E por isso . . . aguentar ! . . .

DOIS AMIGOS.

## De relance

A Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Barcellos é, sem duvida alguma, a collectividade barcellense que mais serviços presta á população local e, inquestionavelmente a que, pelos seus fins humanitarios, mais digna é do auxilio de todos. Negal-o, é faltar á verdade.

Haja em vista o que esses *voluntarios* fazem em proveito do alheio : sacrificando interesses e arriscando mais das vezes a vida, pretendem, como lobos arrogantes, amordaçar, subjugar, corajosamente, o inimigo mais terrivel que conheço — depois do odio e da intriga — o incendio. E se digo depois do odio, da intriga e da calunnia, é por que eu considero o odio e a intriga, a diffamação e a calunnia, os inimigos mais custosos de vencer e mais horrivelmente temiveis ; por que este inimigo vegeta em todos os campos e a massa popular serve-lhe de pasto . . .

E o que mais impressiona, o que mais me leva a respeitar e até a venerar esses homens — os bombeiros — que vão para o incendio resolvidos a lutar contra as chammas, em cumprimento d'esse *dever* a que a sua propria boa vontade se empoz, a obedecer ás ordens do commandante ainda que ellas resultassem em funestissimo cumprimento d'esse *dever*, é o facto de elles serem *voluntarios*, os *voluntarios* defensores do interesse alheio, sem remuneração alguma e sem muitas vezes saberem a quem, ao toque d'alarme, tem de ir prestar serviços !

E' este o facto que me leva a admirar, muito, a dedicação d'esses homens que, *voluntariamente*, obedecem ás ordens do seu commandante, um voluntario tambem, cheio de vontade e cheio de energia, mas que não ultrapassa aquelles que sob suas ordens avançam, em dedicação e coragem ! Por que corajosos são todos os que fazem frente ao perigo, os que avançam sem tibiezas.

Ella — a Associação dos Bombeiros Voluntarios — é, como disse, a collectividade barcellense que mais serviços presta á população ; e custa a crer que ella não tenha mais de 200 socios protectores, como me disseram que só tinha !

E' notorio que essa benemerita Associação tem vivido com enormes difficuldades financeiras e o facto de ella se sustentar ainda mostra bem que a dentro d'ella ha dedicações e quem comprehenda a utilidade de ella existir.

Eu não sei bem qual o prejuizo que esta corporação tão humanitaria soffre com os incendios :



mas penso que esse prejuízo seja grande, pois é raro que eu não veja muito estrago em mangueiras e em outro material.

E quem indemnisa a Associação d'esses prejuízos?— São esses poucos socios protectores, que dão apenas uns 20:000 reis mensaes, ou são as Companhias de Seguros, essas, que mais directamente lucram com a existencia das corporações de bombeiros?

Não são ellas, não; — ellas, que recebem do segurado o premio correspondente ao valor do predio para indemnisarem o segurado do prejuizo que o incendio cause, nenhum subsidio dão aos nossos bombeiros;—quem sustenta a corporação, mais directamente para interesse das companhias

de seguros, são os particulares, com a sua quota mensal, esses que pagam ás companhias o premio do seguro do predio. E a meu ver, e uma vez que as companhias de seguros nada se interessam pela existencia dos bombeiros, estes (refiro-me aos bombeiros de todo o paiz) deveriam conseguir que do parlamento sahisse uma lei que obrigasse as companhias a subsidiar as corporações dos bombeiros com alguns por cento sobre o premio dos seguros pago pelos habitantes da localidade. Era muito justa, tal lei.

E reclamar isto, é contribuir para que em quasi todas as terras do paiz haja bombeiros; e isto no proprio interesse das companhias de seguros.

J. S.

## Chronica ligeira

Entre as instituições que, em Barcellos, mais procuram attender ás reclamações do meio e, especialmente, visam ao seu engrandecimento, destaca-se, sem duvida, pelo enorme alcance da nobre e patriótica missão que se propõe, a «*Liga Barcellense de Instrução e Educação*», cuja existencia, como se tem dito e nunca é demasiado repeti-lo, se deve á iniciativa intelligente e prestimosa d'um sympathico barcellense, que é distincto official d'artelheria, o snr. Fernando Cardoso d'Albuquerque.

Vae para dois annos que tão prestante e benemerita aggremação ali se estabeleceu e, apesar dos seus limitados dias, já se tem assignalado de modo a patentear o grande valor que representa, tratando do desenvolvimento effizaz do ensino e contribuindo para a sua diffusão e aperfeiçoamento.

Na realisação de tão alevantado intento deve-se á «*Liga*» a brilhante e profunda conferencia, proferida no dia 7 dô corrente, pelo illustrado professor da Foz do Douro, o snr Antonio d'Abreu Graça que, durante hora e meia, se fez ouvir com particular agrado e crescente interesse, pela numerosa assistencia, que se agglomerou na elegante sala do Gil Vicente. E, visto que tive de referir-me á nossa casa de espectaculos, onde ultimamente houve duas recitas de regular apreço, não será superfluo nem desapropositado dizer, que agora se sente alli a mão cuidadosa e solícita de uma direcção zelosa e bem orientada, que tem

posto o nosso pequeno theatro com certa decencia e apreciavel conforto. Mas voltemos á conferencia, a esse esplendido e valiosissimo trabalho d'um observador consciente e perspicaz, que sabe pôr na sua palavra facil tanta clareza, como rica opulencia de communicações interessantissimas.

Abreu Graça deu-nos uma grande lição cheia de preciosos ensinamentos.

Em attitude despreocupada, mas perfeitamente seguro do seu nobre papel de propugnador d'uma causa sublime, foi-nos descrevendo a vida escolar do povo helvetico, investigando as origens á luz radiosa d'um alto criterio scientifico, e mostrandonos a estatuição e funcionamento e até as circumstencias determinantes do constante progresso da instrucção e processos d'ensino na famosa nação, que tanto tem sabido impôr-se ao respeito do mundo.

N'uma palavra: foi completo.

Com grande poder descriptivo e importantes faculdades d'analysta, servido por notavel rigor de bem ajustada critica, explanou largamente e com rara proficiencia o seu thema—*A Escola Popular na Suissa*. E, em verdade, a Suissa escolar nós a vimos bem nitida, desde os seus fundamentos até ao mais elevado coruchêo, atravez da palavra clara e instructiva do eminente conferente.

Muitos louvores cabem á *Liga* barcellense por mais esta grandiosa affirmação dos seus altos prestimos e, por isso, aqui lh'os deixo consignados, como a Abreu Graça as homenagens da mais justa e mais entusiasta admiração.

M.

## Atravez do binoculo

### Do alto da Franqueira:

Meus amigos: — Agora não se pode ir ao alto, porque vae um frio de rachar; e, com a chuva, peor ainda! (Apesar que lá no alto a chuva não deve cahir tão pesada, porque se está mais perto do céu.)

E cá por baixo que ha? — Cebola, cebola, cebola! Foi do que se tratou em um domingo, no fim da missa.

A todos os cantos, nas tavernas, nas reuniões do publico e das pessoas familiares, é só cebola, cebola, cebola!

Diabo leve tanto fallar em cebola!

N'um dos ultimos domingos, no fim da missa, o povo reuniu-se em grupos. Alguma cousa extraordinaria havia, em meu entender: Dirigi-me a um grupo e ouvi:

«Olha, Zé da Silva, elles pensam bem. A gente, quando o vinho começou a pagar-se bem, deixou as terras e só *pran'tava* videiras, videiras e mais videiras! Agora o vinho está nas lojas e ninguem o quer. O dinheiro foge da gente e a gente tem de procurar cousas p'ra vender. E já que a cebola dá dinheiro, é tratar da cebola e deixemos o vinho!»

«— Tu tens razão, Francisco . . . Mas o Joaquim dos Pinheiros disse que p'ra *plantar* cebola se gasta muito dinheiro.»

«— Pois sim — replicou o Manel do Justino — mas tem-se mais lucro do que se tem c'o vinho e c'o milho.»

«— Lá isso parece que é verdade,» disse por sua vez o Antone do tio Francisco Fasquio.

O que é certo, é isto: Agora, não se ouve fallar se não em cebola.

Fui ouvir o outro grupo e mais outro e outro, e vi que todos fallavam em plantar cebola.

Ainda bem que os lavradores procuram tirar lucros da terra.

### Viajante amigo.

\*\*\*♦♦♦



\*\*\*♦♦♦

## Ephemérides

### BARCELLOS DIA A DIA

(Primeira quinzena de novembro)

1 de novembro de 1828. — Na occasião da missa

do dia, em S. Bartholomeu do Mar, do concelho de Espozende e comarca de Barcellos, uma força de 21 soldados de infantaria n.º 12 entra no templo para prender o abbade e o acolyto, seu afilhado, Antonio Rodrigues Sampaio, depois ministro. E ambos lá foram entre a escolta, só pelo *horriavel crime* de terem manifestado ideias liberaes: o abbade para ser entregue á auctoridade ecclesiastica, o acolyto com destino á prisão do Aljube, do Porto.

2 de novembro de 1755. — Acha-se interrompido o transitio publico na ponte sobre o Cavado que liga Barcellos a Barcellinhos, isto devido ao enorme montão de pedras da torre do palácio dos duques de Bragança, que desabou durante a noite.

3 de novembro de 1906. — E' lido, em sessão da camara, um officio, pedindo informações sobre a criação da escola primaria para o sexo masculino em Adães.

5 de novembro de 1834. — Nasce, em Remelhe, D. Antonio José de Souza Barroso, actual bispo do Poito.

6 de novembro de 1556. — Fallece D. João IV que, antes de começar a reinar, foi duque de Barcellos.

8 de novembro de 1600. — Faz seu testamento D. João Ribeiro Gayo, bispo de Malaca e parente da illustre casa da Fervença, na freguezia de Gilmonde.

9 de novembro de 1901. — A camara remette á approvação do governo o projecto e orçamento da restauração dos Paços dos Duques de Barcellos, para a installação de um museu e bibliotheca, elaborados pelo distincto engenheiro Ernesto Korrodi.

11 de novembro de 1902. — Chuva torrencial durante a noite. O ribeiro da Presa, que banha Pereira, Alvellos e Carvalhal, o da Ponte do Estreito e outro em Oliveira, engrossam de tal forma, que causam prejuizos enormes.

12 de novembro de 1904. — A camara delibera representar superiormente pedindo a criação da escola primaria para o sexo feminino da freguezia de Barcellinhos.

14 de novembro de 1874. — Nasce, em Pereira, Arnaldo Augusto Braz, poeta muito considerado.

15 de novembro de 1846 — O administrador do concelho, cumprindo ordens superiores, confere a posse e entrega á irmandade de N. Senhora do Terço, a igreja que foi do extincto mosteiro de S. Bento.